

## EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR E O SENTIDO DO ENSINO DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Pollyana Raquel de Morais Arcanjo <sup>1</sup>  
Maria Ghisleny de Paiva Brasil <sup>2</sup>

### RESUMO

O sentido do ensino da língua inglesa na escola pública deve ser discutido com os estudantes, fazendo-os entender o porquê de estarem aprendendo esta língua. Considerando que há uma questão objetiva quanto à relação de poderes, da economia e da política, que gira em torno da língua inglesa, sendo assim, este artigo tem o objetivo de debater o ensino de língua inglesa na escola pública e a possibilidade de ser realizado de forma transdisciplinar, discutindo o ensino da língua inglesa na escola pública com os estudantes, fazendo-os entender o porquê de estarem aprendendo esta língua, proporcionando uma aprendizagem crítica e reflexiva. Para isso, nos baseamos em autores como Japiassu (1992), Fazenda (2008) e Nicolescu (1999) que discutem o tema da inter e transdisciplinaridade, levando em consideração o ensino para além do ambiente escolar, além de documentos oficiais. Sendo assim, nos ancoramos na metodologia qualitativa com formato de estudo bibliográfico. A discussão aponta que o ensino de inglês na escola pública é fundamental para a formação cidadã elucidando que ele pode ser associado à disciplina de língua portuguesa e geografia.

**Palavras-chave:** Ensino de inglês, Educação crítica, Globalização, Interdisciplinaridade.

### INTRODUÇÃO

A transdisciplinaridade, em seu cerne, refere-se à abordagem integradora e colaborativa que ultrapassa as fronteiras disciplinares convencionais, desta forma, permite a interação e a cooperação entre diferentes campos de conhecimento. Essa abordagem promove uma compreensão mais holística e profunda dos fenômenos complexos, reconhecendo a necessidade de superar as limitações da especialização fragmentada (Nicolescu, 2014).

Antes mesmo de abordar a educação transdisciplinar, precisamos pensar no porquê a transdisciplinaridade é tão importante para a educação brasileira, atrelado a

---

<sup>1</sup> Mestranda no curso de Ensino de Línguas e Artes pelo Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Federal Rural do Semi Árido-UFERSA, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN e Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, [pollynaraquelma@gmail.com](mailto:pollynaraquelma@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal Rural do Semi Árido- UFERSA, [guslenybrasil@hotmail.com](mailto:guslenybrasil@hotmail.com).

esta discussão, está também a questão da educação de qualidade, inovadora e transformadora. Não é sem motivo que a BNCC, documento oficial, nos diz que:

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo às questões centrais do processo educativo: *o que aprender, para que aprender*, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado (BRASIL, 2017, p.14. Grifo nosso).

Ou seja, é necessária uma reflexão sobre o que e pra que aprender, dando sentido aos conteúdos, a fim de que o aluno passe a estudar para viver, aplicando de forma consciente e reflexiva os conhecimentos ensinados.

Sendo assim, o sentido do ensino da língua inglesa nas escolas públicas é questionado em diversas esferas, desde o porquê da escolha da Língua Estrangeira (LE) ser a Língua Inglesa (LI), até o porquê dos alunos não conseguirem aprender o referido idioma. Para essas perguntas existem inúmeros fatores atenuantes que nos fazem refletir, buscar respostas e melhorias relativas aos desafios do ensino de línguas.

Quanto à primeira pergunta, sabemos que há uma questão objetiva ligada à relação de poderes, economia e política, que gira em torno dos falantes nativos da língua inglesa. Isso ocorre quando não aprendemos a pronúncia e sotaque do inglês de países pobres, mas sim o inglês britânico, e, principalmente, o americano, falado nos Estados Unidos da América (EUA).

Quanto ao segundo questionamento, é necessário uma série de reflexões no qual, o caminho mais curto, seria usar o professor de língua inglesa como bode expiatório e culpá-lo por todo o insucesso do ensino de inglês nas escolas públicas, no entanto, sabemos que essa culpabilização do professor é apenas um caminho mais curto para achar a solução, e apesar do professor ser uma peça chave na educação, sabemos que não podemos limitar a qualidade da educação a eles, pois há infinitos fatores envolvidos, como os baixos salários, falta de recursos nas escolas, turmas altamente numerosas, etc. Outros fatores podem ser apontados, como o conteúdo dos livros didáticos e a baixa carga horária no cronograma de aula semanal dos alunos, mas queremos chamar atenção para um grande problema que pode ser encarado do prisma de todas as disciplinas, a falta de sentido nos conteúdos ensinados.

O aluno a todo momento questiona “pra quê quero aprender isso?” e “onde vou usar o inglês se ninguém ao meu redor fala inglês e não pretendo sair do país nem para passear?” Esse exercício de reflexão deve ser feito também pelo professor, precisamos estar preparados para responder a esse questionamento e ensinar pensando no sentido que o conteúdo das nossas aulas trazem. O ensino de inglês nas escolas

particulares para alunos ricos que viajam anualmente para a Disney e outros lugares que tem como língua materna o inglês pode fazer algum sentido mais claro e direto, mas qual o sentido do ensino de inglês nas escolas com alunos pobres que muitas vezes não têm o básico?

É pensado nisso que este artigo pretende mobilizar uma reflexão sobre o ensino de inglês, que não pode ser feito de qualquer forma, mas precisa despertar sentido para o aluno e para o professor. Sendo assim, trazemos aqui uma abordagem que visa o ensino transdisciplinar da LI, buscando o ensino e aprendizagem crítica e reflexiva que estão para além dos muros da escola, que permeiam a vida, no sentido filosófico e social, sendo assim, isto se concretiza como o nosso objetivo geral. Para além disso, destacamos nossos objetivos específicos que dividem-se em três, sendo o primeiro a discussão de um levantamento bibliográfico, melhor abordagem dos conteúdos programáticos através da transdisciplinaridade e trazer à tona esta temática em forma de debate para o meio do ensino de uma segunda língua.

## **METODOLOGIA**

Para a construção deste artigo nos ancoramos na metodologia qualitativa com formato de estudo bibliográfico, tendo em vista o que Minayo (2017) nos diz, que a “pesquisa qualitativa é filosófica”, e isso se confirma em Bogdan e Bilken (2017), quando dizem que as pesquisas qualitativas nascem das inquietações e se constroem levando em consideração acontecimentos sociais, que nunca são triviais. Como é o caso do ensino de inglês, que não devemos considerar como algo que acontece por acaso nas escolas públicas, há um motivo para o ensino dessa língua está no currículo escolar, sendo assim, é preciso buscar o sentido disso no crescimento social e individual do alunado.

Este artigo se organiza em seis seções. A primeira, que introduz o assunto a ser abordado, nossa justificativa, problema e objetivos. Enquanto a segunda seção traz alguns conceitos que embasam teoricamente esta discussão. Na terceira seção discutimos a questão da interdisciplinaridade do ensino de inglês segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Enquanto a seção quatro arremata o sentido entre transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e o ensino de inglês, sendo a quinta seção nossas considerações finais sobre o que foi discutido neste artigo. E, por fim, na seção seis, dispomos de nossas referências bibliográficas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam para alguns princípios básicos da educação, que seriam o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter e transdisciplinaridade, como por exemplo: Valorização da diversidade de abordagens, diálogo entre áreas do conhecimento, contextualização dos conteúdos e a promoção da reflexão crítica. Entendendo a importância disso, faremos aqui uma breve apresentação desses conceitos.

Discutir sobre ensino libertador e transformador é discutir interdisciplinaridade, Fazenda (2012, p.41) nos diz que: “Quem habita o território da interdisciplinaridade não pode prescindir dos estudos transdisciplinares.” A transdisciplinaridade é indispensável ao professor que pensa na interdisciplinaridade, tendo em vista que os estudos da transdisciplinaridade nos levam ao caminho da interdisciplinaridade. Isso nos leva a pensar que não se faz transdisciplinaridade sem a interdisciplinaridade, e portanto, para falar de uma, precisamos falar da outra.

Sendo assim, quanto ao significado de interdisciplinaridade, Yared (2008) diz que, apesar de não haver um conceito fechado, pode-se explicar que interdisciplinaridade significa uma relação entre as disciplinas. Sabe-se que a interdisciplinaridade é o diálogo entre as disciplinas, mas este é apenas um resumo breve e raso de um conceito vasto. José (2008) destaca que a Interdisciplinaridade deve movimentar a nível curricular, didático e pedagógico, é necessário então a mobilização de todo um corpo docente e administrativo, e não há como ser feito com a força de apenas um professor.

Hilton Japiassú, pioneiro no Brasil no que se refere aos estudos sobre interdisciplinaridade, entende que o conceito se caracteriza como a profundidade da troca entre os professores e pela interação das disciplinas em um projeto de pesquisa. Ou seja, não se pode fazer a interdisciplinaridade sem uma interação com os outros professores que compõem o corpo docente escolar, é necessário toda uma mobilização.

Entendendo do que se trata a interdisciplinaridade, partimos para o conceito da transdisciplinaridade, que pode ser entendida como:

O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das aceções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade

aberta por um novo olhar, sobre a relatividade das noções de definição e objetividade (MORIN, *et. al.* 1994, p. 2).

Em outras palavras, entendemos a transdisciplinaridade como uma forma de ver todas as disciplinas ao mesmo tempo, sem que exista uma barreira entre elas, mas que estejam dispostas assim como estão na natureza, no mundo e na vida real.

A este respeito Nicolescu (1999, p.15) faz uma analogia sobre a transdisciplinaridade e as disciplinas como temos hoje, que para ele soa como homens das cavernas que querem separar as extremidades do bastão, sendo que não há separação ali, é tudo um só objeto, cada extremidade pode cumprir tarefas diferentes, mas são inseparáveis e fazem parte de um único bastão.

Não podemos afirmar que a invenção e organização das disciplinas para a educação escolar foi uma má ideia, também não é o objetivo deste artigo instigar uma mudança nas grades curriculares. Na verdade, o que se pretende é que voltemos a pensar nas disciplinas como algo real, que está presente em nossas vidas, por exemplo, ainda em Nicolescu (1999), somos levados a uma imersão e reflexão sobre exatamente isso, pensar sobre a inter e a transdisciplinaridade dos conteúdos e do currículo com nossa vida social, percebendo assim o porquê de essas ciências serem tão complexas, tendo em vista a dialogicidade delas com nossa vida real, sendo necessário que o conteúdo vá de encontro com a realidade de cada aluno, pois não há sentido em um ensino que não está presente na vida dos discentes e do próprio docente.

José (2008) atenta para a necessidade do diálogo não apenas entre as disciplinas, mas também entre as pessoas que participam desse contexto social e educativo. O diálogo como acesso a uma pedagogia transdisciplinar faz todo o sentido, pois é preciso entender sobre as vivências dos alunos e dos professores para que os saberes percorrem o currículo e as necessidades sociais uns dos outros.

A partir desse pensamento transdisciplinar é possível, com ajuda dos colegas educadores, realizar uma transformação na escola em que se atua, essa atitude vai contra uma educação positivista, bancária, robotizada e sem reflexão acerca dos conteúdos. O ensino transdisciplinar se torna então um ato de resistência política, proporcionando inquietação para o professor que se dispõe a praticá-lo (JOSÉ, 2008).

Esse exercício sobre transdisciplinaridade em José (2008) nos faz lembrar que o aluno está na escola não apenas para uma formação científica e dos conteúdos dispostos no currículo, mas também para uma formação social. É comum que nos anos iniciais os professores ensinem a aplicabilidade das boas maneiras (bom dia, obrigada, desculpa, etc.), mas a qual disciplina do currículo isso está ligada? Não está nos livros

de português ou de matemática, mas mesmo assim faz parte da formação cidadã. Com o tempo, ao invés dessa formação evoluir, ela se dissolve em um comentário ou outro dentro da sala de aula, até desaparecer por completo.

Entendendo a questão da inter e da transdisciplinaridade e que o ensino vai para algo além do contexto escolar, pois perpassa situações do cotidiano, é relevante citar mais uma vez Yared (2008), que ao tentar responder o que é interdisciplinaridade, invade o leitor com uma questão que está para além do que é visível. Em seu texto “O que é interdisciplinaridade?” a autora usa como palavra chave o “transcender” para explicar que assim deve ser o ensino, o conteúdo não serve apenas para responder corretamente uma avaliação, mas para atravessar o aluno em sua totalidade. Yared (2008, p.163) diz que as dimensões que constituem o indivíduo não estão delimitadas, mas abertas e contínuas, indo além das constituições físicas. A interdisciplinaridade é o que transcende o ser humano, isso está além de um entendimento coletivo, é algo subjetivo.

O que é importante para aquele aluno? Como vou impactar a vida dele com minha área de formação e o ensino ministrado? Isso é transdisciplinaridade, o ensino precisa ser perpassado não seguindo moldes, mas é necessário uma personalização daquele ensino. Esses e outros questionamentos fazem parte da inter e transdisciplinar. Japiassu (1992) trata a interdisciplinaridade como algo novo e revolucionário, pois prova essas inquietações em forma de questionamento. É isso que muitas vezes afasta a inter e a transdisciplinaridade das salas de aulas, pois essa inquietação e novidade incomodam, nas palavras do autor:

O interdisciplinar provoca atitudes de medo e de recusa. Porque constitui uma inovação. E como todo novo, poderá provocar reações de temor. Todo novo incomoda. Porque questiona o já adquirido, o já fixado, o já aceito. Se não questionar, não é novo, mas novidade (JAPIASSU, 1992, p.84).

Quando questionado sobre o próprio método, Paulo Freire nos ensina que não existe um método pronto, é necessário que cada professor tenha o seu próprio método para suas próprias turmas, tendo em vista que cada contexto é único, e os objetivos podem ser diferentes. Ao ensinar em 40 horas jovens e adultos Paulo Freire criou um método específico para aquela situação, o método foi eficaz, mas isso não quer dizer que posso copiar e colar tal qual para alunos do meu contexto social, econômico e político, é necessário uma personalização e criação de um método próprio, que atenda as necessidade dos nossos alunos (KOHAN, 2021).

Enquanto outros moldes educativos estão preocupados apenas com os resultados, o educador que pensa de forma transdisciplinar pensa no aluno como um sujeito que está inserido na sociedade e precisa estar presente nela de forma a impactar os que estão ao seu redor. O ensino transdisciplinar é crítico e proporciona ao aluno e ao professor reflexões sobre o por que estou aprendendo/ensinando isso e como essas questões fazem a diferença no cotidiano do professor e o do aluno.

Entendendo o que é a inter e a transdisciplinaridade, é preciso entender o objetivo do ensino de inglês em escolas públicas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pontuam que o domínio de uma língua estrangeira estreita essas questões:

A aprendizagem de uma língua estrangeira é uma possibilidade de *aumentar a percepção do aluno como ser humano e como cidadão*. Por isso, ela vai centrar-se no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar ou engajar em outros no discurso, de modo a poder *agir no mundo social*. (BRASIL, 1998, p.63. Grifo nosso.)

A partir disso, entendemos que o ensino da LI é pertinente para uma formação discursiva e social. Essa formação social diz respeito ao sujeito no mundo, podendo opinar sobre problemas que atingem e influenciam a qualidade de vida do sujeito. Saber formular uma opinião é importante para as tomadas de decisões que movem o mundo, e que vão nos impactar de certa forma. Um exemplo disso são as nossas escolhas para representantes políticos, se formamos uma sociedade crítica e reflexiva, que saiba opinar de forma coesa e sensata mudamos o rumo do nosso país.

Os PCN (1998) , indicam que é justamente na formação cidadã e crítica que está presente a função interdisciplinar do ensino de língua inglesa, desempenhado esse papel no currículo e na realidade escolar. Através do acesso de textos, artes visuais e musicais é possível a implementação do estudo da LI, e através disso, além do conhecimento, o aluno poderá participar de debates sociais e culturais, tendo acesso a diferentes visões, ampliando sua forma de pensar, levando em consideração as novas experiências concebidas e as que já trazem consigo.

Por ter sido escolhida como língua franca para a facilitação da globalização, a língua inglesa foi implementada nas escolas brasileiras, além disso, é a língua falada por um país que é considerado a potência mundial, os EUA. Os PCNs (1989) afirmam que a língua inglesa é necessária para uma compreensão mundial, além de incluir socialmente e valorizar o indivíduo no mercado de trabalho.

São nessas questões globais, sociais e políticas que mora a inter e a transdisciplinaridade da língua inglesa. É interdisciplinar, pois pode conversar com qualquer outra disciplina, no sentido não apenas de fazer pesquisas e estudos de infinitas áreas em outros lugares do mundo, mas também na geografia, nos estudos geopolíticos, no português, estudando uma infinidade de obras literárias, além de poder incluir, através dessas obras literárias, o estudo de história tendo em vista obras do cânone americano e britânico que abordam temáticas históricas sobre colonização e estilos de vida de séculos passados, a citar por exemplo, o livro *The scarlet letter* escrito por Nathaniel Hawthorne, que fala sobre a comunidade puritana que participou do início da história dos EUA, ou as muitas obras de William Shakespeare, que deixa transparecer os costumes de sua época na Inglaterra .

Estes estudos interdisciplinares também estão inseridos nas vertentes transdisciplinares, tendo em vista que não há ligação homogênea apenas com as disciplinas, mas com problemas de ordem social, vida no cotidiano, desafios, e vivências, bem como com as questões culturais, filosóficas, etc. Através da língua inglesa, qualquer disciplina que queira abordar questões sobre internacionalização, globalização e questões de outros lugares do mundo pode utilizar-se da interdisciplinaridade para isso.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A linguagem é, sem dúvida alguma, um importante elemento de uso social. Para Bakhtin (1986), na perspectiva dialógica da linguagem, a língua é compreendida com a realidade e o sentido da palavra, que por sua vez é determinado por seu contexto. Isso significa dizer que, para fazer sentido, o ensino de inglês deve ser feito trazendo à tona não apenas a tradução solta das palavras, mas o sentido lógico, cultural, histórico e contextualizado. Dessa forma a aprendizagem transcende o indivíduo, tornando-se significativa.

Quando não limitada apenas ao ensino de regras gramaticais, a linguagem tem o poder de impactar o indivíduo, formando-o como sujeito crítico e pensante. O ensino da linguagem deve estar pautado em uma perspectiva sócio cultural e histórica, tendo em vista que está diretamente ligada à sociedade.

Volóchinov (2017, p. 94) diz que : “Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma

realidade”. Há portanto ligação entre consciência, ideologia, signo e realidade, sendo assim, a palavra está de acordo com os atos ideológicos, a consciência individual e social. Por tanto, conhecer a língua de um povo, é conhecer esse povo, pois os discursos e a carga de significado atribuída a esses discursos diz muito sobre seus falantes.

A aprendizagem da língua inglesa embasada em uma perspectiva sócio-histórico-cultural, segundo a qual os sujeitos agem e refletem como criadores e transformadores do conhecimento e do mundo. Dessa forma, a língua inglesa é uma ponte para a construção globalizada de uma interação entre disciplinas, vida e cotidiano. Transformando de forma dialógica o conhecimento segundo as interações e necessidades sociais. O professor de ciências pode estimular o aluno pesquisas estudos internacionais do conteúdo abordado, para isso a língua inglesa estará presente, facilitando o acesso a pesquisas em diversas partes do mundo, tendo em vista que o inglês é utilizado em várias partes do mundo.

O estudo de muitas disciplinas através do inglês se torna globalizado, pois segundo Paiva (2005), as pessoas usam o inglês como meio de comunicação em diversos países nos mais variados setores, ou seja, os diversos campos de estudos que existem passam pela língua inglesa para uma maior divulgação de suas pesquisas. Sendo assim, a prática da interdisciplinaridade produzirá cidadãos capazes de participar ativamente nos discursos de forma transdisciplinar, pois em muitas ocasiões esses discursos vão estar diluídos em suas vidas, decisões e ideologias.

Todas essas questões precisam ser passadas ao aluno, primeiro para que ele seja levado a uma reflexão sobre os conteúdos que aprende, e segundo para que esses conteúdos atinjam o íntimo do aluno e produza o sentido que aquele sujeito, em toda a sua subjetividade, busca. Yared (2008, p.165) diz que “A pessoa humana é aberta ao transcendente, busca o sentido último de si e do real, mas não pode dar-se por si mesma o sentido, nem ser ela mesma o sentido de tudo.” Sendo assim, o sentido que o aluno busca é pessoal, social e transcendente, pois nos faz evoluir como pessoa e como sociedade. Nisso tudo há o ensino de inglês, que melhora a nossa percepção de mundo e nos faz evoluir dialogicamente com ele.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste estudo, entendemos que a transdisciplinaridade visa explorar as múltiplas dimensões da realidade, buscando conexões entre as ciências naturais, sociais e humanas, valorizando a participação ativa de diversos atores. Essa perspectiva transdisciplinaridade é crucial para enfrentar os desafios contemporâneos e buscar soluções abrangentes, envolvendo uma ampla gama de conhecimentos, experiências e pontos de vista para promover uma compreensão mais completa e promissora dos problemas complexos da sociedade (Nicolescu, 2014).

Seria a transdisciplinaridade um sonho dos profissionais docentes? Uma utopia? Algo inalcançável? Essas questões nos servem para reflexão, dependendo dessas respostas podemos ver que tipo de professor somos e qual o tipo de conteúdo passamos para os nossos alunos. Pensar em uma disciplina que não pode ser inter e transdisciplinar é não entender a disciplina como algo que faz parte do mundo e está presente na sociedade de forma intrínseca.

Se não pode ser transdisciplinar, não pode transformar o aluno, levá-lo a refletir e construir um senso crítico sobre seu cotidiano, ele passa a compor uma sociedade mecânica, positivista, que estuda para ser aprovado e trabalha para sobreviver, que não sabe exercer sua voz de forma politizada e reconhecer seu lugar no mundo. O ensino de inglês nas escolas públicas vem justamente como uma tentativa de formar cidadãos que estão inseridos, de forma consciente, na globalização, ao mesmo tempo que esses indivíduos sabem opinar e lutar por melhorias sociais.

É por essa razão que o ensino de inglês em escolas públicas têm um sentido tão real que é quase palpável. A cultura de países que têm o inglês como língua materna está presente no nosso cotidiano, a política e a economia desses países influenciam a nossa, sendo assim, é importante que conheçamos sua língua, não apenas para nos limitar a traduzir discursos e reportagens, mas porque a linguagem de um povo é carregada de sentidos, valores e ideologias, que precisam ser entendidas em sua totalidade, e não apenas em uma tradução literal.

Podemos dizer que os nossos objetivos, tanto geral quanto específicos foram atingidos, tendo em vista debatemos como acontece o ensino transdisciplinar da língua inglesa, fizemos o levantamento bibliográfico, discutimos sobre uma melhor abordagem dos conteúdos através da transdisciplinaridade e trouxemos o tema da trans e da interdisciplinaridade para o ensino da língua inglesa.

Por fim, sugerimos que este estudo tenha uma continuidade, abordando as questões que foram despertadas, aplicando-as a outras metodologias de estudo e um

referencial teórico diferente do que foi utilizado, para a obtenção de diferentes perspectivas sobre ensino inter e transdisciplinar da língua inglesa.

## 1. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Speech genres and other late essays*. Austin, TX: University of Texas Press, 1986.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2010. p. 47-71. Disponível em: [https://www.academia.edu/6674293/Bogdan\\_Biklen\\_investigacao\\_qualitativa\\_em\\_educaca](https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educaca) O. Acesso em: 24 de jun. de 2022

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[ENSINO MÉDIO](#)>. Acesso em: 26 de jun. de 2022.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília. DF: MEC/SEMTEC, 1998

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas e as condições de produção**. Interdisciplinaridade. *Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade*, n. 2, p. 34-42, 2012.

JAPIASSU, Hilton. *A atitude interdisciplinar no sistema de ensino*. TB. Rio de Janeiro, n. 108, p.83-93, jan/mar 1992.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

JOSÉ, Mariana Aranha Moreira. **Interdisciplinaridade:** as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. O que é interdisciplinaridade, v. 2, p. 91-102, 2008.

KOHAN, Walter Omar. Há (um) método Paulo Freire?. **Debates em Educação**, v. 13, p. 1-15, 2021.

Morin, Edgar, Basarab Nicolescu, e Lima de FREITAS. “Carta da transdisciplinaridade.” Portugal, Convento da Arrábida, novembro de (1994). Disponível em: [carta-with-cover-page-v2.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/carta-with-cover-page-v2.pdf) . Acesso em: 20 de julho de 2022.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Triom : São Paulo, 1999.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinarity: Theory and practice. Hampton Press. (2014).

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e (org). **Ensino de língua Inglesa:** reflexões e experiências. São Paulo: Pontes, 2005.

VOLÓCHINOV, V.N (Do Círculo de Bakhtin). **Marxismo E Filosofia Da Linguagem:** Problemas Fundamentais Do Método Sociológico Da Ciência Na Linguagem. Org., Trad., Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1 ed. São Paulo: Editora 34,2017.

YARED, Ivone. O que é Interdisciplinaridade? In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.